

**INTERNET: INSTRUMENTO DE PLÁGIO OU INSTRUMENTO DE  
PESQUISA?<sup>1</sup>**

**INTERNET: AN INSTRUMENT OF PLAGIARISM OR A TOOL FOR RESEARCH**

Lívia Letícia Zanier Gomes<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Versão revista e ampliada de artigo publicado na Revista Científica EccoS (ISSN da versão impressa: 1517-1949;

ISSN da versão on-line: 1983-9278), disponível no endereço eletrônico <http://www.uninove.br/revistaeccos> sob o título “Aspectos éticos no uso da internet como ferramenta de pesquisa”.

<sup>2</sup> Professora efetiva em regime de dedicação exclusiva do Instituto Federal do Triângulo Mineiro- IFTM, *Campus* Uberaba. Mestranda em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Especialista em Docência na Educação Superior pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. Bacharel e Licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo -USP. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Formação Ética do professor da UFTM. Professora-pesquisadora (bolsista Capes) membro da Equipe Multidisciplinar da Universidade Aberta do Brasil-UAB no IFTM.

## RESUMO

Este artigo, cujo título já se apresenta enquanto questionador de a Internet ser instrumento de plágio ou de pesquisa científica, visa a discutir a questão da Internet enquanto passível de utilização como instrumento de pesquisa científica. Fruto de uma pesquisa bibliográfica explicativa, esbarra no uso imoral que é feito da ferramenta mencionada, isto é, no seu uso enquanto propiciador ou facilitador de plágios em pesquisa. Para isso, foram apontadas as origens da Internet e as possibilidades de acesso aos seus textos, a fim de comparar a facilidade de acesso aos textos científicos nela presentes à dificuldade de acesso aos textos científicos impressos. Posteriormente, questionamos a pressão advinda dos centros de pesquisa frente à quantidade de publicações com a finalidade de indagar e refletir se isso acarreta ou propicia uma postura imoral do cientista. Remontamos às questões teóricas e etimológicas que diferenciam ética e moral a fim de sustentarmos a imoralidade presente no mau uso da ferramenta Internet e, por fim, mas não menos importante, focalizamos a urgente necessidade de que seja discutida no espaço acadêmico a postura ética, para que o fomento à produção seja propiciador de textos originais, e não plagiados ou parafraseados dos presentes na *World Wide Web*.

**Palavras-chave:** Ética. Internet. Texto científico.

## ABSTRACT

This article, whose title has become quite inquisitive if the Internet is an instrument of plagiarism or scientific research, aims to address the issue of Internet while capable of use as a tool for scientific research. Written after a bibliographic research, it goes into the immoral use made of the said tool, that is, in its use as an enabler or facilitator of plagiarism in research. Thus, we pointed out the origins of the Internet and the possibilities of access to their texts in order to compare the facility of access to scientific texts it presents versus the difficulty of access to the texts. Later, we question the stress came from the research centers asking for larger number of publication in order to reflect and inquire if that causes or promotes an immoral stance from the scientist. The article also reassemble the etymological and theoretical issues that differentiate ethics and morals in order to sustain the immorality of the action in this misuse of the tool Internet. And last, but not least, we focus on the urgent need for academic space in ethical discussions in order to promote original texts, and not plagiarized or paraphrased from the Web.

**Keywords:** Ethics. Internet. Scientific text.

Disponibilizada mundialmente em 1991, a *World Wide Web* é hoje uma ferramenta ao alcance de grande parte da comunidade científica, senão de toda ela. Seja em *sites* de acesso aberto ou restrito, muito se deve à Internet no meio científico atual, pois nela se pesquisam e se publicam informações e reflexões científicas novas a todo o momento. E é com a grande facilidade de acesso a essa teia de informações que muitas questões de cunho científico podem ser levantadas.

Dessa maneira, este artigo, fruto de uma pesquisa bibliográfica explicativa (GIL, 1991), tem como objetivo discutir a relação entre ética e Internet enquanto ferramenta de pesquisa científica. Os questionamentos em torno dos quais giram estas reflexões são os seguintes: a Internet pode ser considerada uma ferramenta de pesquisa de qualidade? Ela é responsável pelo uso não ético de informações em pesquisas científicas? A Internet facilita o plágio de trabalhos acadêmicos? Aumenta as chances de paráfrases não éticas de pesquisas de outrem?

Para embasar este estudo, retomamos as questões referentes ao surgimento da Internet como ferramenta de pesquisa e apresentamos questões teóricas e etimológicas que diferenciam ética de moral.

### **Breve histórico da Internet**

A Internet nasceu no período da Guerra Fria (fim dos anos cinquenta), com estudos realizados pela Agência de Pesquisas em Projetos Avançados (ARPA), composta por militares e pesquisadores estadunidenses. A finalidade da *Advanced Research Projects Agency Network* (ARPANet) era provar a superioridade estadunidense em relação à tecnologia da União Soviética frente ao lançamento do Sputnik (primeiro satélite artificial do mundo). Além disso, por temer um ataque nuclear, a agência funcionava com o intuito de conectar centros universitários americanos de pesquisa para que a troca de informações fosse rápida e protegida, além de contribuir para que toda a informação de pesquisa daquele país estivesse, de algum modo, protegida contra ataques nucleares. Foi a evolução da ARPANet que resultou na atual Internet.

Pouco tempo depois, nos anos 1970, o *e-mail* foi criando espaço entre os pesquisadores, pelo fato de possibilitar uma troca rápida e eficaz de informações. Na década

de 1990, com o lançamento do *World Wide Web*, houve um espetacular crescimento de usuários da Internet no mundo. A partir de então, tornou-se possível, já com poucos impedimentos e dificuldades de maquinário, a troca e a busca de informações, antes inacessíveis a pessoas comuns, bem como a pesquisadores.

De tal maneira, frente ao crescimento acelerado e tão positivo da troca de informações, vieram inúmeras preocupações e questões éticas relacionadas ao uso da Internet. Hoje, tanto crimes quanto pesquisas de grande porte podem ter grandes contribuições advindas desse ciberespaço.

### **A propagação de material científico pelo ciberespaço**

Se pensarmos num passado bastante próximo, perceberemos que, com a propagação de material científico pela Internet, o papel das editoras, antes responsáveis pela redistribuição do conhecimento que por elas passava, diminuiu consideravelmente, e parece ter essa redução como tendência. Isso não significa estarmos fazendo aqui o prenúncio do fim do uso dos impressos, mas significa mostrar que o acesso à informação científica tem como propensão tornar-se algo mais livre e acessível à comunidade científica.

Com a facilidade de acesso ao virtual, criaram-se revistas científicas eletrônicas cujo aumento em número possibilita e exige o aumento quantitativo de publicações.

Todavia, podemos nos questionar se o crescimento em número de publicações não caminha juntamente com crescimento da qualidade acadêmica de tais publicações. Será que a acessibilidade a inúmeros artigos não facilita a alguns acadêmicos, pressionados devido à exigência universitária e à necessidade de se publicar resultados de pesquisa, fazer cópia de pequenos trechos de variados artigos?

Temos observado que sim. Já são inúmeros os pesquisadores que vêm estudando o tema plágio; já correm na justiça inúmeros processos contra trabalhos plagiados, além do que não é à toa que ferramentas computacionais antiplágio têm sido criadas (veja-se, por exemplo, o *software* denominado Agente de Busca de Similaridades<sup>3</sup>). Logo, muitas vezes, tem parecido a nós que a acessibilidade possibilita a elaboração de textos sem originalidade nem cunho científico e acadêmico do ponto de vista ético. Não é também à toa que, “[...] para o

---

<sup>3</sup> Este *software* foi desenvolvido pelo professor Fernando Campos de Macedo, da Universidade Católica de Santos (UniSantos).

não reconhecimento da autoria, há o crime de plágio; para o não registro das fontes, há o crime de falsidade argumentativa” (DINIZ, 2008, p. 182).

### Um problema moral ou ético?

Para falarmos da questão ética envolvida no processo de conhecimento científico *online*, recorreremos a uma rápida distinção entre moral e ética.

O termo “moral”, do latim, *mores*, significa costume. O termo ético define-se como disciplina filosófica que tem por objeto de estudo os julgamentos de valor, na medida em que estes se relacionam com a distinção entre o bem e o mal.

[...] enquanto a moral consiste no conjunto de prescrições que orienta a conduta de indivíduos e grupos nas sociedades, a ética se apresenta como um olhar crítico sobre a moral, perguntando pelos fundamentos dos valores que a sustentam. (RIOS, 2007, p. 49).

Assim, a moral possui um caráter prático e pode variar de sociedade para sociedade, uma vez que se constitui em distinguir o que é certo e errado nos costumes vigentes. Diferentemente, a ética é uma reflexão filosófica que possui um caráter universalista e não relativista como a moral. Transpondo para o campo em discussão neste texto, pensemos no seguinte: a pressão por parte dos órgãos financiadores de pesquisas científicas é enorme para que seu “mercado” de publicações esteja sempre fomentado – o lema “*publish or perish*” (publicar ou perecer) está mundializado.

Assim, publicações do tipo “colcha de retalhos”, em que se retiram trechos de artigo científico e trechos de outros não científicos juntando-os com a finalidade de se apresentar um “novo” texto tornam-se comuns. Questões desse tipo estão se tornando costumeiras na academia. Fica óbvio, porém, que não se enquadrariam em princípios éticos como o respeito e a justiça. “A ética questiona a moral – as ações morais têm sua origem nos costumes de cada sociedade. Esses costumes estão fundados em valores – o que é costumeiro é confundido, muito frequentemente, com o que é bom.” (RIOS, 2007, p. 49).

Assim, falamos, aqui, do aspecto ético na utilização da Internet por procurarmos algo que seja válido universalmente, assim como é universal o acesso científico à *World Wide*

*Web.* Pesquisar inúmeros textos científicos antes de se produzir um texto novo e verdadeiramente autoral é algo válido. Porém, é preciso utilizar tais textos de maneira não plagiada, por exemplo. Um pesquisador pode ler vários artigos científicos a fim de encontrar, nestes, questões ainda não solucionadas por outros para, então, respondê-las. Pode, ainda, ler outros textos científicos com a intenção de perceber a linha de raciocínio já executada por outros autores e de procurar outros caminhos para resolver uma questão científica ainda em aberto. A leitura de pesquisas disponibilizadas *on-line* deve fomentar a mente do pesquisador para que ele faça suas pesquisas e seus textos de maneira nova e inédita, e não à maneira do “recorta e cola” tão vangloriado hoje por parte expressiva do público cibernético.

Sabemos não ser a Internet a única nem a principal veiculadora de pesquisas científicas. Mas sabemos que há produção científica livremente veiculada nela. Porém, se levarmos em consideração inúmeras dificuldades em se chegar aos livros e periódicos científicos impressos, é possível concluir, de modo lógico, que a Internet tem sido a ferramenta, pelo menos, mais acessível à comunidade científica.

Uma prova desse aumento da facilidade de acesso a textos científicos pela Internet está no movimento conhecido como Acesso Aberto, que

[...] pode ser definido como a disposição livre e pública de um texto, de forma a permitir a qualquer um a leitura, cópia, impressão, distribuição e, quando for o caso, download, busca ou o link com o seu conteúdo completo, assim como a indexação ou o uso para qualquer fim não comercial. (ORTELLADO; MACHADO, 2006, p. 9).

Após esse movimento surgir e ser defendido em inúmeros documentos, tais como a “Declaração de Berlim”, a “Declaração sobre o acesso à informação científica”, a “Declaração sobre o acesso aos dados de pesquisa com fundos públicos” a “Declaração sobre o acesso aberto à literatura acadêmica e à documentação de pesquisa” e em estudos realizados por pesquisadores como Harnad, Brody, Vallieres, Carr, Hitchcock, Gingras, Oppenheim, Hajjem, Hilf (2004) e Lawrence (2001), tornou-se possível verificar que citações de periódicos de acesso aberto são muito maiores do que as de acesso restrito.

Há ainda que se considerar, entretanto, como já mencionado, que há pouco material *on-line* disponível em acesso aberto. Prova disso é, segundo informam Ortellado e Machado (2006), o fato de uma livraria eletrônica científica das mais acessadas como o Scientific Electronic Library Online (SciELO), possuir menos de 10% das publicações científicas brasileiras. Por que, então, tamanho acesso a um acervo tão restrito?

Tal questão encontra resposta no fato de que editoras de publicações científicas se apossam de uma enorme quantidade de obras que, mesmo depois de esgotadas, não voltam a circular no mercado científico devido ao impedimento dos direitos autorais e cuja reprodução autônoma é impedida pela Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR).

[...] a ABDR reforça sua representatividade a fim de lutar contra um mal comum aos autores, editores e todos aqueles ligados a essa área: a pirataria de livros.

ABDR incorporou a ABPDEA, e, por decisão de seus associados, cancelou todas as licenças reprográficas. Assim, desde abril de 2004, nenhum centro de cópias está autorizado a reproduzir, parcial ou integralmente, com intuito de lucro, ainda que indireto, qualquer obra de autores e editores associados a ABDR, fora das hipóteses expressamente previstas em Lei. (ABDR, 2008, *on-line*).

Além disso, grandes editoras de periódicos mantêm preços realmente elevados para suas assinaturas. Toda essa dificuldade explica, portanto, a busca crescente da Internet e dos artigos de acesso aberto pela comunidade científica.

Aí se esbarra em outra questão. Muitos pesquisadores não consideram como sendo de qualidade o material veiculado em acesso aberto.

[...] a título de exemplo, no Brasil, nas Ciências Sociais, a avaliação oficial de periódicos feita pela Capes atribui aos periódicos exclusivamente digitais a pior classificação (“local C”), independente do mérito. Em outras áreas, as publicações digitais simplesmente não são consideradas. (ORTELLADO; MACHADO, 2006, p. 9).

Essa classificação pode não passar de um preconceito frente à “novidade” do uso da Internet como ferramenta científica, mas o que importa é o seguinte: se as pesquisas disponíveis nesse acervo não têm o devido reconhecimento, como fazer com que outras pesquisas, com base naquelas, tenham garantia de qualidade?

Será que ampliando gradativamente a publicação de artigos pela rede *on-line* também não se facilita que pesquisadores cada vez mais pressionados pela necessidade de volume de publicações acabem recorrendo à Internet de modo antiético, plagiando ou semiplagiando suas informações, buscando atingir uma meta de publicações por ano?

Como resolver, portanto, o impasse da necessidade de conhecimento de fácil acesso à comunidade científica, via acesso aberto, e o uso que terceiros fazem desse conhecimento? Esbarra-se nesse caso, inegavelmente, em uma questão ética.

Há ainda de se considerar que nem toda informação advinda da Internet é confiável e segura. Como separar, portanto, a informação verdadeira da falsa? Cabe ao pesquisador conhecer o autor do documento fonte de pesquisa que está sendo consultado via *Web* e verificar se este pode ser considerado autoridade no tema. Além disso, deve-se averiguar se a fonte de informação está vinculada a uma instituição que se responsabiliza pela confiabilidade científica dos dados divulgados via *Web*. O pesquisador deve verificar se os artigos pesquisados constam de revistas indexadas e também é preciso verificar se as informações ali transmitidas não são desmentidas em outros textos disponíveis eletronicamente.

### **Reflexões finais**

Nos centros acadêmicos, é preciso repensar a necessidade de um espaço para reflexão ética sobre o que é e para que serve a ciência. A ciência não é um conjunto de ideias imutáveis e irrefutáveis, visto que é construída por homens dotados de subjetividades e intenções próprias. A ciência é advinda de um conhecimento racional, que poderá sempre ser corrigido, adaptado, questionado. É uma tentativa de explicação e reconstrução da realidade. Todavia, a ciência feita com ética é aquela que deve procurar, ao seu máximo, por criações e reflexões que levem a sociedade a um bem maior. De modo metafórico, fazer ciência com ética é se valer da energia nuclear de forma controlada para obter movimento, para gerar eletricidade, enquanto fazer uma ciência sem ética é se valer da mesma energia para produzir bombas atômicas e dizimar nações.

É preciso, portanto, pensar com os alunos vinculados aos centros de pesquisa qual a finalidade de se produzir ciência e a necessidade de se construir um saber ético. A produção de um texto simplesmente para engrossar currículos certamente não terá a preocupação fundamental de construir saber científico, mas de atender às exigências acadêmicas e burocráticas.

Obviamente que é necessária a publicação de textos como resultado de pesquisa financiada por instituições fomentadoras. É a maneira de justificar o investimento feito e demonstrar ao órgão financiador e à comunidade acadêmica o retorno como resultado do exercício de investigação. Mas a viabilização de publicações apenas para atingir quantidade, talvez seja, sim, o que leva muitos pesquisadores a assumir uma postura antiética.



Podemos ainda dizer que uma solução seria a de se encontrar, no ambiente científico, um “meio-termo” aristotélico. Assim, a finalidade da publicação deve ser primeiramente a de engrossar o conhecimento da comunidade científica e da sociedade que usufrui desse conhecimento. O alargamento do currículo acadêmico virá como consequência, e não como causa do trabalho de produção científica.

Como já pregou Aristóteles, “a virtude moral é adquirida em resultado do hábito”. Assim, pesquisando, escrevendo e, acima de tudo, refletindo com as leituras realizadas e com o conhecimento produzido é que o homem pesquisador merecerá o atributo de cientista.

Portanto, levando-se em conta aspectos éticos no uso da internet como instrumento de pesquisa científica, podemos produzir conhecimentos mais verdadeiros. Não obstante isso, temos o compromisso de analisar, do ponto de vista ético, não somente os textos disponíveis na *Web*, mas, sobretudo, de demonstrar os equívocos científicos disponíveis nesse meio de divulgação. Esses são os principais cuidados a serem observados pelos pesquisadores que fazem uso da Internet na produção de seus textos e nos resultados das suas pesquisas científicas.

Assim, então, podemos afirmar que a Internet é um meio importante e que pode contribuir com a ciência, desde que as informações ali disponíveis sejam avaliadas sob olhar crítico e, principalmente, ético. Pesquisar com ética significa verificar os ganhos e os benefícios que o ser humano terá com o resultado da pesquisa científica. Conseguir com que toda a academia pense e aja de maneira crítica e ética é que continua sendo um desafio e um trabalho de pesquisas acadêmicas como esta que, dentre tantas outras, também tem por fim a conscientização.

ANDRADE, Edinaldo. *Farejador de plágio*. Revista Ensino Superior, Edição 132 de 14/09/2009. Disponível em: <http://revistaensinosuperior.uol.com.br/textos.asp?codigo=12444> Acessado em 23 de novembro de 2011.

ARISTOTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

DINIZ, D. A ética e o ethos da comunicação científica. *Série Anis*, n. 55, Brasília, Letras Livres, 1-3, jun. 2008. Disponível em:

<[http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa55\\_diniz\\_comunicacaocientifica.pdf](http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa55_diniz_comunicacaocientifica.pdf)>. Acesso em: 3 jan. 2009.

GIL, A. Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HARNAD, S.; BRODY, T.; VALLIERES, F. et al. (2004) The access/impact problem and the green and gold roads to open access: an update. *Serials Review*, 34, p. 36-40. Disponível em: <<http://eprints.ecs.soton.ac.uk/15852/2/serev-revised.pdf>>. Acessado em: 20 jan. 2009.

LAWRENCE, S. Free online availability substantially increases a paper's impact. *Nature* v. 411, n. 6837, 31 maio 2001. Disponível em: <http://www.nature.com/nature/debates/e-access/Articles/lawrence.html>. Acesso em: 20 jan. 2009.

ORTELLADO, P.; MACHADO, J. A. Direitos autorais e o acesso às publicações científicas. *Revista Adusp*, São Paulo, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.abdr.org.br>>. Acesso em: 5 nov. 2008.

RIOS, T. A. O que será da avaliação sem a ética? GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. *Cadernos CENPEC – Avaliação em educação*. São Paulo, CENPEC, n. 3, p. 45-52, jan./mar. 2007.